Pela Janela

Rodrigo Nascimento

2ª Edição © 2015
Revisão:
Angêla Lúcia da Silva Martins
Raquel Batista Alves

Índice

Capítulo I – Descoberta	03
Capítulo II - O Butekim	07
Capítulo III - Sexo, violência e romance	11
Capítulo IV - A ressaca do dia seguinte	16
Capítulo V - Atípicos dias - família, morte e fofoca	22
Capítulo VI - Imprevisibilidade	28
Capítulo VII - Viação Morte	33
Capítulo VIII - No interior, em casa	39
Capítulo IX - Colarinho	46
Capítulo X - Tias	50
Capítulo XI - Voltas	57
Capítulo XII - Informações	64
Capítulo XIII - Domingo	71
Capítulo XIV - La Policía	77
Capítulo XV - Café de manhã	83
Capítulo XVI - Le Jour	89
Capítulo XVII - Tecnologia	95
Capítulo XVIII - Do lado de lá	101
Capítulo XIX - Ela	107
Capítulo XX - Desconexão	112
Capítulo XXI - Varanda	119
Capítulo XXII - Niñas	127
Capítulo XXIII - oh happy day	135
Capítulo XXIV - Entre o ping e o pong	142
Capítulo XXV - Virada	150
Capítulo XXVI - día nO laborable	160
Capítulo XXVII - Rotina	167
Capítulo XXVIII – Metades	173
Capítulo XXIX – Sexta-feira	181
Capítulo XXX - Suspeitas	189
Capítulo XXXI - A, não o	198
Capítulo XXXII - Quase	207
Capítulo XXXIII - Ninguém me chama de Mari	215
Capítulo XXXIV - Manchete do dia seguinte	235

Capítulo I - Descoberta

Marcelo Albuquerque, é assim que o jornalista da coluna "Sociedade Alta" do Jornal de Minas Gerais assina seu nome. Marcelo de Oliveira Silva Gomes adotou o Albuquerque de sua avó materna porque achava que soava melhor para um colunista social. Requisitado nas mais badaladas festas e eventos da alta sociedade e amigo íntimo de todos os figurões de Belo Horizonte. Escreve notícias e fofocas em sua coluna por dois motivos: interesse e dinheiro. Nada que algumas cifras não comprem o bom grado do jornalista. Aliás, jornalista por profissão, homossexual por opção e colunista social para sobreviver. O grande sonho de Marcelo sempre foi ser repórter policial, mas nunca se deu bem na redação pela sua preferência sexual. Logo que se formara, no final da década de 70, mais precisamente em 1978, ainda havia um grande preconceito nas grandes empresas e nos grandes jornais não era diferente.

Começou no jornalismo na seção de astrologia, aos poucos ganhou espaço no rádio, em um programa onde entregava a fofoca e os babados da noite de BH. Logo

recebeu alguns avisos para que calasse a matraca. Os primeiros eram por escrito, alguns com boas quantias de dinheiro e alguns com ameaças diretas e violentas. Em virtude de um olho roxo e algumas costelas quebradas, resolveu amenizar seu discurso na rádio. Na mesma época começou a perceber que poderia ganhar algum dinheiro se amigando para o lado dos figurões. E deu certo, falava bem deles e eles lhe retribuíam como podiam, dinheiro, acesso às festas mais importantes da cidade e algumas trocas de experiências até mesmo físicas.

Devido ao grande sucesso na rádio, Marcelo foi convidado em 1983 para assinar a coluna do Jornal de Minas Gerais sobre a alta sociedade.

Marcelo é natural de Ouro Branco, cidade próxima de Belo Horizonte aproximadamente 100 Km. Mudou-se para a capital aos 21 anos, quando iniciou os estudos em jornalismo. Descobriu-se no sexo e na vida no 2º período do curso superior, quando em uma festa em uma república de estudantes na Rua Tupis, no quinto andar de um prédio antigo, se embriagou de vodka barata e vinho, se entorpeceu com cocaína e muita maconha e experimentou no meio da noite sexo com Juliana, uma caloura da faculdade e com Diogo, um colega de sala com quem acordou abraçado e pelado pela manhã.

Revelou-se sua opção por rapazes e assumiu publicamente, mas somente na capital. Filho de mãe beata e pai repressor, jamais teve coragem de assumir para eles que optara pelo homossexualismo. Até porque não aparenta sê-lo. Veste-se, fala e age como um homem, apenas na cama que se comporta como uma donzela. Mas assume publicamente seus namorados, eis o motivo de tanto preconceito quando começou na profissão. Dono de um apartamento na Rua Goiás, no centro de Belo Horizonte, bem próximo do jornal e da antiga república onde acontecia as festas e orgias de faculdade, Marcelo adora passear a noite pela região central. Não possui carro, muito menos carteira de motorista, opção própria. Acha carro muito perigoso e preferiu investir todo seu dinheiro no seu apartamento. Com uma decoração de altíssimo luxo, Marcelo promove festas freqüentes no 12º andar do velho prédio de frente ao automóvel clube. Geralmente termina as festas embriagado de vinho tinto seco, um vício que trouxe de Ouro Branco, e muita maconha na cabeça. Algumas das vezes só, outras acompanhado, mas isso nunca lhe foi algum problema. Na verdade até gostava de terminar só, achava que no final da festa era o melhor momento para trabalhar, pois a mente estava aberta pelas drogas e pelo vinho. Acendia um

cigarro, vício esse que adquiriu na faculdade, abria seu notebook na varanda de seu apartamento e começava a redigir, ora as matérias de sua coluna, ora se dedicava a um projeto pessoal: um romance policial.

Na noite de 12 de fevereiro de 2003 tudo caminhava para mais uma noitada de trabalho pós-festa, nenhum rapaz interessante naquela noite em seu apê e a cabeça pensando com muito entusiasmo em algumas ideias novas para o seu livro. Aproximadamente às 2:30 da manhã, dispensou os últimos convidados alegando sono. Pegou seu notebook, posicionou-se na varanda, como de costume, pegou o maço de cigarros todo amassado do bolso e quando pegou o cigarro verificou que era o último. Sem cigarro, não dava para escrever, era como energia essencial para alimentar sua inspiração.

Capítulo II - O Butekim

Cigarro, cigarro e cigarro. Essas eram as únicas palavras que se passavam na cabeça ainda alucinada de Marcelo. Se ele não fosse comprar um maço novo logo seria impossível escrever qualquer linha naquela noite. Sobretudo nas costas e sandália franciscana, passou a mão em algumas moedas sobre a escrivaninha do quarto e lá foi ele ao bar mais próximo aberto àquela hora: o Butekim.

Tradicional por funcionar das 18 horas até as 6 da manhã, o Butekim seguia a tradição de servir os clientes do happy hour ao café da manhã há 50 anos. Administrado atualmente pela terceira geração da família Souza, Marcos Souza Junior, o Kim, filho único, assumiu os negócios do pai aos 24 anos, quando o pai morreu baleado no próprio bar em uma tentativa de assalto as 5:30 da manhã de uma terça-feira, primeira vez que o bar fechara antes das seis em 40 anos de funcionamento. Com a herança deixada pelo pai, algumas dívidas e um lote no Espírito Santo, Marcos reformou o bar e mudou o nome de Bar da Hora para Butekim com a intenção de homenagear seu pai e

criar uma nova identidade para o bar. Nova identidade que por azar foi assimilada pela ralé do centro. O movimento mais freqüente era o de viaturas policiais separando brigas de bêbados altas horas da madrugada. Algumas prostitutas e cafetões freqüentavam o bar na tentativa de conseguir descolar alguns universitários embriagados que insistiam em passar por lá para tomar a saideira.O golpe era simples, elas ofereciam seus serviços de graça e na casa delas, quando o iludido rapaz topava, era roubado pelo cafetão que chegava em casa alegando ser o marido dela e colocando o rapaz pra correr só de cuecas. O lugar não era mais barra pesada porque o Kim não admitia de forma alguma o uso de drogas lá. Um dia, uma turma chegou lá exalando cheiro de maconha. Na mesma hora o Kim colocou todo mundo pra fora e pela segunda vez em 50 anos fechou o bar antes das 6 da manhã. Após esse fato, os próprios freqüentadores passaram a proibir e não aceitar drogados no bar.

Era para esse lugar tão hostil que Marcelo se encaminhava. Já sabia que não seria bem vindo se percebessem que estava completamente drogado. No elevador pode perceber que seus olhos estavam muito vermelhos e que seria facilmente expulso do butekim. Por sorte, encontrou em seu bolso um velho frasco de colírio.

Ouro Branco é uma cidade muito fria e Marcelo sempre levava aquele sobretudo e o colírio para disfarçar os efeitos da maconha. Antes de chegar ao primeiro andar pingou duas gotas em cada olho, o que deu uma leve embaçada na sua visão.

O Butekim era no mesmo quarteirão em que Marcelo morava, porém do outro lado da rua. Enquanto atravessava notou algo estranho. No edifício Helena Ribas, ao lado do automóvel clube, quase de frente para o prédio de Marcelo, havia um estranho homem, forte e bem vestido tentando pular a grade do portão. Devido ao seu estado alucinógeno e graças à embaçada que o colírio lhe proporcionara, Marcelo não pode identificar muita coisa. Notou que o homem percebeu que era observado. Nesse momento Marcelo apressou o passo. O estranho homem era forte o suficiente para agredi-lo e estava tão drogado que não conseguiria reagir. Sem olhar pra traz deu uma pequena corrida até o bar. Enquanto corria, pensou ainda, que o prédio era de alto luxo e tinha porteiro 24 horas, provavelmente o porteiro impediria a entrada dele. Chegou lá meio ofegante assustado. Comprou dois maços de cigarro e foi embora. Quando saiu do bar viu que o homem não estava mais lá. Andou apressadamente até a porta do prédio e tentou ver pela grade se conseguia falar com o

porteiro. Enquanto tentava olhar sentiu uma mão truculenta em seu ombro. Virou assustado e deparou-se com o porteiro do prédio que disse que também estava no Butekim tomando um café e que o jornalista havia esquecido o troco do cigarro. O porteiro levava apenas o recado do Kim, que estranhou o modo rápido e assustado como Marcelo entrou e saiu do bar, esquecendo inclusive de pegar o troco.

Marcelo, ainda tremendo do susto, agradeceu e retornou ao Butekim para pegar o troco de pouco mais de 5 reais. Quando voltou, queria se desculpar pela maneira como reagiu ao porteiro, mas ele já havia entrado e já era tarde. Marcelo retornou para o seu apartamento e a imagem daquele homem não saía da sua mente. Sentou-se na varanda e ainda nervoso acendeu um cigarro. Fumou rapidamente. Acendeu o segundo cigarro ainda no final do outro e retornou ao notebook. Não conseguia escrever nada que tivesse alguma coerência. Só pensava na imagem daquele homem e no que poderia ter lhe acontecido se o homem tivesse ido atrás dele na rua. No mesmo instante em que acendia mais um cigarro, algo no edifício Helena Ribas chamou sua atenção. Em um apartamento, que deveria estar no 11º andar, uma luz se acendeu as quatro horas da manhã.

Capítulo III - Sexo, violência e romance

Como em uma vitrine a la holandesa, Marcelo se entreteve e relaxou com uma mulher muito bonita iniciando um strip-tease. Dançava e provocava alguém que parecia estar sentado em alguma cadeira ou um banco. Sentava no colo dele, e tirava cada peça de roupa dela e dele em um ritmo muito lento. Filme pornô de graça na janela de Marcelo, que pouco se entretia já que praticamente só via a mulher que dançava, parecia-lhe que o homem estava com os braços amarrados ou algo assim. Fetiches, pensava Marcelo, que também gostava de variar entre quatro paredes. Se entreteve entre um cigarro e mais uns goles nos vinhos que sobravam sem dar muita atenção ao lento processo sexual que se preparava para acontecer. Já desistindo de escrever e sem nenhuma inspiração, foi buscar uma das suas divas da música popular brasileira. Meia luz no quarto, seu digestivo e boa noite cinderela. Já estava deitado na cama, com a luz apagada e matando a ponta do digestivo quando começou a escutar uma

gritaria na rua que não demorou poucos minutos para somarem sirenes, a orquestra cotidiana no Butekim. Marcelo olhava ao longe as luzes vermelhas que se aproximavam e já pensava enquanto suspirava. Mais uma turminha que dorme no xadrez hoje. Mas as sirenes não pararam de soar e em poucos minutos haviam mais dois carros apitando e a gritaria seguia. Marcelo não se conteve na cama e em um salto estava espiando pelo espaço entre a cortina e a parede. E podia ver bem o que acontecia, inclusive escutar.

Era um irmão de um policial civil que tinha caído no golpe das prostitutas e estava de volta uma semana depois. Com os olhos vermelhos e um perfume de cachaça da boa, estava discutindo com o cafetão que lhe havia roubado. Chegou no bar lá pelas três da manhã e sentou em uma mesa no fundo. Depois de algum tempo viu chegar a puta que te havia jurado dar amor a ele na semana anterior e logo em seguida, o seu cafetão. E a confusão já podia ter começado aí, porque ela sentou no balcão do bar e ele foi pro fundo do bar também. Mas ele não reconhecia o idiota da semana anterior sentado duas mesas atrás dele. Renato era estudante de direito e queria seguir a carreira do pai, a de juiz ou do irmão, a de polícia civil. Muito mais valente que paciente, se conteve bem, até porque o

cafetão era bem truculento e ele não estava em condições de derrubar nem uma mosca de tanta pinga que tinha no sangue. Pegou o telefone, ligou pro irmão e contou que encontrou o cara que lhe havia roubado. Ficou quietinho vendo a cena, e uns poucos 5 minutos depois chegou um outro que vinha empolgado que nem ele na semana anterior, gravata na testa, gritando com Kim que queria um scotch e um cigarro. E nesse momento em que chamava a atenção de todos do bar, Renato percebeu que a puta olhava para o cafetão e sorria com certo sarcasmo. O cafetão acenava positivamente com a cabeça e Renato quebrava uma dúzia de palitos de raiva enquanto começava a entender que o cafetão e a puta faziam um extra de golpistas no fim da noite. Se levanta derrubando o copo vazio e vai ao banheiro. O copo, ao quebrar chamou a atenção de boa parte do bar. Mas os dois golpistas tinham olhos fixos na sua próxima vítima. A puta já começava pedindo fogo ao rapaz e fazendo uma piadinha elogiando a gravata dele. Renato, no banheiro, batia a cabeça contra a porta do mictório e subia a raiva e o álcool. Se não bastasse, encontra no bolso de sua jaqueta um tirinho que ele nunca foi de dispensar. Com o coquetel turbinado pelo desejo de que podia mais que qualquer pessoa no mundo vingar-se dos dois ali e agora, sai do

banheiro e vê que o cafetão está de pé e que a puta já não estava e nem o palhaço com gravata na testa. Olhou para mesa do cafetão e viu os talheres com que ele tinha comido a tradicional lasanha do bar. Com garfo e faca em cada uma das mãos, acerta o cafetão quando ele já estava na porta do bar. Renato acertou um garfo em sua nuca e ele caiu de joelhos. Quando viu, do outro lado da rua a puta com o rapaz, gritou e correu em direção à puta como quem não vai para perder a viagem. Mas antes de chegar escutou a voz do cafetão lhe chamando de o idiota da semana passada, e que agora o reconhecia. O cafetão tirou o garfo da nuca e viu que a ferida sangrava muito e que não morreria com um golpe de garfo. Se levantou e foi em direção a Renato, mas tão pouco foi uma briga dessas de muita ação. Renato se defendia com a faca e o cafetão tentava atacar enquanto lavavam toda a roupa suja na rua. Mas a confusão ficou por aí até que chegou um amigo do irmão de Renato em uma viatura e não demorou muito pra chegar o irmão e mais duas viaturas fechando a rua, mas ainda assim não conseguindo conter a briga porque Renato não se afastava muito e queria briga. Marcelo via pela janela que a puta já havia sido algemada e colocada no banco de trás de uma das viaturas. Mais um pouco de gritaria e discussão, e a polícia sacou as armas e

fez com que o cafetão se afastasse, mas Renato ia atrás e seguia insultando e dizendo que queria matá-lo. Seu irmão percebeu que ele estava fora de si e tratou de imobilizá-lo e também o algemou e colocou cada um em uma viatura. Depois daí, Marcelo sabia que o resultado só mesmo em uma nota de rodapé do jornal do dia seguinte como uma dupla de golpistas pegos pela polícia, e que Renato ia se safar e voltaria para casa assim que seu irmão entendesse que ele não estivesse mais sobre os efeitos dos entorpecentes que havia consumido aquela noite. E Marcelo pensou que estava imaginando coisas, fazendo suposições e criando histórias. E gostou, porque estava de volta sua inspiração e foi para a sala escrever um pouco seu romance. Sentou e escreveu pouco mais de dez páginas e parou no meio de uma frase quando se deu conta que o mesmo quarto que te chamou a atenção de madrugada, seguia com a luz acesa.

Capítulo IV - A ressaca do dia seguinte

O telefone celular não para de apitar. Marcelo, ainda sonolento, foi em busca do intermitente apito que lhe despertara. No celular haviam 12 chamadas não atendidas, 5 mensagens de texto e 3 de voz. Alguém buscava mesmo a Marcelo. Mas não era só uma pessoa, senão várias. Já eram 16:20, se deu conta Marcelo pela hora da última chamada. E foi então que recapitulou que ficou até 9 da manhã escrevendo. O cinzeiro cheio, as garrafas vazias e a cabeça doía. Água, açúcar, carboidrato, banho frio, cama. Era o que passava sem muita lógica pela cabeça de Marcelo. Já tinha perdido os compromissos e o dia de trabalho, que não lhe restou outra coisa que colocar-se a responder o que era de responder no celular e terminar de curtir aquela quinta-feira de ressaca em casa mesmo. A seu chefe disse a verdade, que esteve escrevendo toda a noite e que terminou pela manhã. Como já tinha enviado por mail o material da coluna e tinha moral com o chefe, levou uma bronca de

leve que ficou muito barato. Sua mãe também tinha chamado umas quantas vezes, e queria só um pouco de atenção e saber como ele estava. Uns amigos chamando pra sair, que iriam a um café depois do trabalho em um happy hour. Convites para uma noite de festa da alta sociedade em uma boate nova que tinha inaugurado na semana anterior, e que era justo o tema da coluna daquele dia. Marcelo, dando-se por satisfeito, recusou tudo e trancou-se em seu mundo.

Desceu até a vídeo locadora e alugou um lançamento argentino, gênero de filme que ele adorava e cultivava dos 2 anos que morou em Buenos Aires. Levou também uma comédia italiana, por recomendação do atendente. Se trancou, apagou o celular, pipocas no microondas, chá, seu cigarrinho e cortinas fechadas. Dormiu nos primeiros 10 minutos do filme. Acordou já tinha uma hora e 20 e ele voltou tudo ao começo e viu de novo. Achou interessante e intrigante. Se sentou na varanda e pôs-se a fumar e ver a rotina da rua. Butekim enchendo de trabalhadores ao final da jornada de trabalho. Uma mulher reclamando de uma multa com o policial. Um rapaz que levava o cachorro para usar a rua de banheiro. Um casal que se desentendia e se colocavam a brigar na esquina. E Marcelo absorvendo tudo aquilo muito superficialmente, como uma esponja nova.

Muita informação se processando ao mesmo tempo dificultava que ele pudesse organizar os pensamentos. Decide voltar e ver o outro filme, a comédia italiana. Mais chá e agora um resto de sushi da festa na geladeira. Filme de comédia pouco arriscado. Ficou beirando o cômico todo o tempo e levou Marcelo a sair do estado de entropia que levava todo o dia de tão surpreendido com a má qualidade do filme. Se levantou revoltado e foi buscar uma verdadeira comédia em sua coleção de Woody Allen. Entre "Desconstruindo Harry" e "Todos dizem eu te amo", se animou mais pelo segundo. Talvez pelo tom musical, talvez pelo tema de sexo, que sempre interessara a Marcelo. Mas enquanto preparava um cigarro para dar boas gargalhadas durante o filme, se deu conta que o apartamento da frente, o mesmo da noite anterior, seguia com a luz acesa. Se deu ao trabalho de prestar atenção e que a janela regulava altura com a que ele tinha visto tão pouco interessante cena de sexo na noite anterior. Mas o que mais chamava sua atenção era que a luz seguia acesa. Uma hora e pouco de Woody Allen bastaram para renovar as energias de Marcelo e colocar a cabeça pra funcionar em ritmo normal.

Decidiu sair para correr. Adorava fazer isso de noite, ainda que o centro não lhe proporcionava a melhor condição de

segurança pra isso, ele saia pra correr sem nada de valor, o que facilitava o fato de que quando alguém o abordava na rua na intenção de assaltá-lo - e já tinha passado umas quantas vezes - o ladrão se frustrava porque ele não tinha nada de valor para lhe dar. Correu entre 50 minutos, 1 hora, mais ou menos. Entre suas rotinas diárias, tinha por prática sempre fazer pelo menos 1 hora de esportes. Que fosse a bicicleta em seu apartamento, umas horas na piscina do clube ou corridas noturnas, mas esse era um hábito que sempre teve, desde que era adolescente. Chegou em casa com a cabeça tranquila. A corrida fez muito bem pra cabeça e o fez pensar e organizar os pensamentos. Uma ducha demorada, em que esquecera o tempo e preocupara só com a água batendo forte em suas costas.

Levava um short de pijama de seda negro com detalhes em rosa. Sentou-se na varanda para escrever quando se deu conta que a mesma luz pela janela seguia acesa. Ding, dong! Alguém chamava na porta. Deve ser alguém do prédio, pensou Marcelo, já que não chamaram ao interfone. Foi pôr seu hobby e demorou a encontrá-lo já que a casa estava uma bagunça de uma festa do dia anterior. A campainha não voltou a chamar. Marcelo achou estranho e não abriu a porta. Olhou pelo olho mágico e não

viu ninguém. Voltou-se à varanda e intrigado com aquela luz acesa, pôs-se a escrever e a colocar mistério em seu livro. A verdade é que lhe faltava algo de romance e não de mistério no livro e passou boa parte do tempo apagando e escrevendo. Para ao final ter umas poucas páginas mais que nem gostava muito.

"Melhor descansar e recuperar o ritmo normal amanhã. Já é madrugada e amanhã não posso faltar outra vez ao trabalho." - falava sozinho, Marcelo.

Pela manhã, sobre as 10 mais ou menos se levantou. Foi até a portaria para pegar o jornal. Quando abriu a porta, viu um papel no chão do lado de fora. Pegou o papel dobrado, abriu e leu: "Te espero em uma hora no terraço do prédio! Um beijo". Sem entender muito bem do que se tratava, foi até a portaria, pegou o jornal e perguntou ao porteiro se alguém havia procurado por ele no dia anterior. O porteiro respondeu negativamente e colocou Marcelo a pensar que tinha algum admirador no prédio, ou quem sabe, uma menos informada, admiradora. Sentou-se na varanda a ler o jornal e se deu conta que a luz seguia acesa. Olhou para baixo e a rua estava aumentando seu movimento diário. Via a portaria do prédio de frente e ali estava o porteiro controlando a entrada e saída de pessoas. "Coisas da minha cabeça cheia de ideias" - pensou Marcelo. Colocou

uma roupa e saiu para trabalhar. Já com um pouco de pressa, esqueceu o computador ligado na varanda e o celular perdido em algum lugar de seu quarto.

Capítulo V - Atípicos dias - família, morte e fofoca.

Depois de um dia cheio de trabalho, escreveu para todo o fim de semana e por boa política com seu chefe, ficou de enviar algumas notas que sairiam na segunda-feira por internet. O fim de semana era morno, nada de agitos pós carnavalescos na cidade. Sem Pierrots, confete e menos ainda champagne dos patrões, Marcelo aproveitou o fim de tarde de verão e foi a Ouro Branco visitar seus pais. Da janela do ônibus, com ar condicionado que fazia esquecer o calor que fazia do lado de fora, Marcelo via um jovem em seu carro conversível colocar um cd e subir o volume. O rapaz começou a cantar e sacudir a cabeça de um lado ao outro. Marcelo não escutava nada e tentava adivinhar que música ele poderia estar escutando. Coisa de futriqueiro - pensou Marcelo e pôs a mão tapando os olhos se auto-recriminando. Quando tirou as mãos, viu que o tipo olhava para uma linda garota que passava pela calçada. Uma freada alguns segundos depois e já tinha uma batida de carros ao lado. Marcelo ainda teve tempo de

ver quem foi aquela mulher causadora da batida do conversível enquanto o ônibus arrancava em passo mais lento. E viu que era uma mulher com um olhar encantador. Marcelo viu que o rapaz tinha uma boa razão pra não estar olhando pra frente quando o sinal se pôs verde. Pé na estrada, e enquanto o ônibus subia a 040, um discman adormecia Marcelo em poucos minutos. A verdade é que perdeu um lindo pôr do sol na estrada.

Como se tivessem passado minutos. Ouro Branco. Para casa da mamãe. Comer comida feita com carinho e não fazer nada. Teoricamente. Marcelo se desentendia em suas filosofias de vida com seus pais e muitas vezes discutiam por nada. Passavam boa parte do dia discutindo política, sociedade, economia e umas quantas bobeiras em que não se entendiam. Sua mãe algumas vezes se metia também discutia muito. Pensavam muito diferente. Mas naquele fim de semana em especial, Marcelo percebeu que seu pai não estava para muita prosa. Na verdade tinha um olhar perdido e distante como nunca. Fumava seu cigarro de palha na varanda sozinho. Tossia até engasgar. Tomava um pouco de chá e passava. Mas não olhava muito para ninguém. Marcelo percebia que estava sendo observado por ele quando não o olhava. Quando voltava o olhar a seu pai, ele disfarçava, fazia uma piadinha, fingia